



Burghard Baltrusch (ed.). “O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia”. Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago. Universidade de Vigo (Grupo GAELT): Frank & Time, 2014, 320 p.

Lênia Márcia Mongelli – USP¹

Nos idos de 1998, a professora Lílian Lopondo organizou a coletânea de estudos *Saramago segundo terceiros* (Editora Humanitas, USP), na qual também colaborou com o artigo “O proselitismo em questão: o processo de reconhecimento em *A Jangada de Pedra*” – trabalhos ambos que, como adverte inicialmente, resultaram de cursos de pós-graduação por ela ministrados na Universidade de São Paulo, onde esteve por quase toda a sua vida acadêmica. No artigo em questão, defendendo o autor português contra aquele “proselitismo” de que o acusava então, maciçamente, a crítica especializada, a Professora advoga a favor da “criação das personagens” – elas, sim, o verdadeiro centro de interesses da obra saramaguiana e elevadas a um pedestal mítico que, para além de qualquer ideologia, lhes permite lançar o homem na grande aventura do autoconhecimento. Não foram poucas as vezes em que ouvi Lílian Lopondo expor com ardor esta convicção...

Desse ângulo, talvez ela gostasse de ler, hoje, a obra em epígrafe, editada por B. Baltrusch, quando menos pelas muitas coincidências entre as várias ideias espalhadas nos 12 artigos que a integram e os diálogos mantidos pela Professora com seus pares acerca de um ponto-chave da crítica literária de sempre, aqui aplicado por ela ao caso de Saramago: é preciso “trazer para primeiro plano a obra em si, considerá-la enquanto material ficcional

¹ Professora Titular de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: mongelli@usp.br

digno de atenção e não como documento mais ou menos fiel a posições adotadas pelo Escritor frente à Literatura e/ou a problemas do cotidiano” (p. 61). Os ensaios coletados por Baltrusch procuram, em maior ou menor dose, fazer a leitura desses interstícios dos textos, embora não se desobrigando da necessidade de situá-los no seu espaço e, principalmente, no seu tempo.

Os títulos cobrem um leque grande de interesses, não só quanto a temas, mas também quanto à produção de Saramago – de suas grandes e premiadas criações às menores, passando por entrevistas, conferências, traduções, os *Cadernos de Lanzarote* e até o seu importante discurso pronunciado por ocasião da concessão do Nobel, os quais comparecem direta ou indiretamente na argumentação dos autores². São os seguintes colaboradores: Ana Paula Arnaut (“José Saramago: da realidade à utopia. O Homem como lugar onde”); Burghard Baltrusch (“A nova Mensagem do trans-iberismo – sobre alguns aspectos utópicos e metanarrativos no discurso saramaguiano”); Ana Paula Ferreira (“Tradução e utopia pós-colonial: a intervenção *invisível* de Saramago”); Fernando Venâncio (“José Saramago e a iberização do português. Um estudo histórico”); José Cândido de Oliveira Martins (“*Memorial do Convento* de José Saramago: crítica e utopia no uso da técnica de enumeração”); Burghard Baltrusch (“Mulher e utopia em José Saramago – a representação da Blimunda em *Memorial do Convento*”); Rosângela Divina Santos Moraes da Silva (“*O Conto da Ilha Desconhecida*: possibilidades imaginárias”); Ângela Maria Pereira Nunes (“O labirinto da memória: a Guerra Civil de Espanha em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*”); Isabel Araújo Branco (“José Saramago: ‘Cadeira’ ou a queda de Salazar”); Raquel Baltazar (“Sobre a convergência do espaço literário, cultural e político como questionador de uma identidade social em José Saramago”); Yvonne Hendrich (“‘Vale mais ser romancista, ficcionista, mentiroso’ – realidade e ficção no romance *A Viagem do Elefante* de José Saramago”); Verena-Cathrin Bauer, (“Nationale und koloniale Identitäten im historischen Roman: José Saramago *A Viagem do Elefante*”). Apenas por essa enumeração, o leitor pode conferir que as matérias versam *grosso modo* quatro zonas de indagações: literárias, linguísticas, históricas e culturais – sempre lembrando que, em se tratando de José Saramago, esses quatro planos estão estreitamente imbricados.

² Confira-se a Bibliografia organizada ao final do livro, com minucioso rol da produção ativa de Saramago e de suas entrevistas, bem como dos estudos gerais que a ele se referem.

Já se sabe que a literatura de ficção de alguma maneira espelha a realidade circundante, para confirmá-la ou deformá-la, de modo mais evidente ou mais nuançado, com maior ou menor comprometimento do autor. E não é de hoje: se recuarmos à Idade Média, lá veremos que o mito do Rei Arthur e dos seus Cavaleiros da Távola Redonda, por exemplo, serviu muito bem à afirmação da dinastia Plantageneta no poder depois da conquista normanda da Grã-Bretanha em 1066³; um pouco mais adiante, já nos séculos XV-XVI, os chamados Reis Católicos, Fernando e Isabel de Castela (1474-1516), também alimentaram seus ideais monárquicos com os modelos de realeza oferecidos pelo imaginário cavaleiresco a eles contemporâneo⁴. Pelos séculos afora, partindo na verdade de Homero, a historicidade da Literatura é incontestável, como, aliás, de qualquer fato cultural. No caso de José Saramago, o seu ativismo político, escancarado em várias de suas entrevistas ou declarações públicas, é o suporte de sua ficção: nem ele o negou nunca e nem o leitor deixa de notá-lo às primeiras páginas de seus livros. Nesta edição de Baltrusch – muito bem cuidada e com bela capa – a questão vem mais uma vez à tona, porque, evidentemente, os ensaístas não têm como contorná-la e nem como deixar de reconhecer os estreitos laços da criação ficcional com a biografia deste escritor “engajado” (cf. o texto de Raquel Baltazar).

Embora os artigos não se equivalham em qualidade, todos honram a causa que defendem, qual seja, examinar as várias facetas da plurívoca produção saramaguiana. O núcleo das indagações é a “utopia”: talvez por isso o livro comece pelo artigo de Ana Paula Arnaut, que procura definir o conceito em termos gerais, para a seguir submetê-lo ao viés específico em que foi concebido por Saramago. Segundo ela, o ficcionista não utilizou a “utopia” em seu sentido mais imediatamente conhecido e idealizado desde Thomas More (1477-1535), de “lugar nenhum”, fora do tempo e do espaço, de invenção de uma sociedade perfeita, justa e igualitária, onde os homens pudessem ser felizes. Pelo contrário, o autor tinha ojeriza desta proposta – como deu provas ao criticar ironicamente a “passividade” do Ricardo Reis de Fernando Pessoa (ver aqui, a propósito, o artigo de Ângela Maria Pereira Nunes) – e propunha que cada cidadão se obrigava a ser um “interventor”, porque estava em suas mãos mudar ou construir uma nova realidade, no aqui

³ Cf. FRANCO JR, Hilário. “O Retorno de Artur. O imaginário da política e a política do imaginário no século XII”, in: _____. *Os três dedos de Adão. Ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Edusp, 2010, p. 173-192.

⁴ Cf. PINA, Maria Carmen Marín. “La ideología del poder y el espíritu de Cruzada en la ficción caballeresca”. In: _____. *Páginas de sueños: estudios sobre los libros de caballerías castellanos*. Zaragoza: Diputación de Zaragoza, 2011, p. 101-125.

e no agora, na própria vida terrena. Desse ângulo, a “utopia” de Saramago volta-se para o Homem (o tal “lugar onde” do título), pois só da Vontade dele dependem os renascimentos e os avanços.

Faça-se um aparte importante, complementar ao artigo de Arnaut: a abstração idealizante implícita à etimologia da palavra “utopia” (=“não-lugar”) existe paralelamente ao matiz político de sua formulação original, pés firmemente plantados em solo concreto: “More crée un genre nouveau sur un sujet, connu depuis les Grecs, celui de la cité idéale, mais nouvellement exposé: comment voir se réaliser **sur terre**, une société égalitaire, juste et hereuse. Fiction **et politique**: conjonction inédite.”⁵. De fato, recorde-se que todo o diálogo do Livro I de *A Utopia*, em que o narrador Rafael se prepara para descrever a “terra maravilhosa” no Livro II, estampa uma crítica implacável aos governos e aos homens coevos⁶. Foi esse o flanco por onde Saramago mais confortavelmente se posicionou para lançar seus dardos “utópicos” contra quem fugisse de deter-se ou de refletir em acontecimentos graves como, por exemplo, a invasão das tropas italianas na Etiópia, a ocupação da Renânia pelas forças armadas alemãs, o deflagrar da Guerra Civil espanhola – tudo no “fatídico” ano de 1936 (p. 202), aquele em que teria morrido o Ricardo Reis de Pessoa. E ainda mais próximo de suas vivências pessoais, como seria possível a qualquer português medianamente atento ignorar – ou “fingir” ignorar, perguntaria Saramago – os desmandos e as arbitrariedades da Ditadura salazarista em seus 48 anos no poder? Isabel Araújo Branco mostra que o conto “Cadeira” (de *Objeto Quase*, 1978) faz uma duríssima e irônica leitura desse período histórico, antecedendo a zombaria da revisão – também de cunho histórico – em *A viagem do Elefante* (2008), conforme examinam Yvonne Hendrich e Verena-Cathrin Bauer. Ou seja, fiel a seus princípios, Saramago “denuncia” e sugere “soluções”. Utópicas? Ele diria que não...

Dentro desse quadro, talvez a “utopia” mais acalentada por ele tenha sido a do trans-iberismo – revisitado no denso texto de Burghard Baltrusch –, cuja consecução dependeria, antes de tudo, da subversão dos grandes mitos ibéricos paralisadores, ao ver do ficcionista, de qualquer ideia ou esperança de progresso: se a nação estagnara depois de Alcácer-Quibir, não menos derrotada esteve no pós-colonialismo, com a perda dos últimos testemunhos do poder de outrora – o qual, não se olvide, foi desde D. Afonso Henriques de cunho claramente providencialista. Para lembrar apenas um dos títulos mais célebres de

⁵ RIOT-SARCEY, Michèle. *Dictionnaire des Utopies*. Paris: Larousse, 2002, verbete “Utopia” (grifos meus).

⁶ MORE, Thomas Morus, *A Utopia*. Trad. Luís de Andrade. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1976.

Saramago, *A Jangada de Pedra* (1986), a Península navega no sentido de estreitar relações com as culturas da América Latina e com a África, espaços de fala portuguesa, desprezando a velha Europa e entrevendo uma espécie de unidade simbólica dos povos ibéricos, com sua identidade inquestionavelmente “plural” ou, quando menos, “híbrida”. Para Baltrusch, a *Jangada* pode perfeitamente atuar como obra de autognose coletiva. E quer melhor subsídio para esta reversão de valores, em solo português, do que a Blimunda de *Memorial do Convento* (1982) – evidente projeto de reabilitação da mulher e, talvez, o “ato de fé” do ateu Saramago (p. 155 e ss.)?

Um dos artigos mais instigantes da coletânea é o de Fernando Venâncio, porque nos remete às bases da sedução da linguagem ficcional do artista, considerado – até mesmo por seus detratores – um mestre no manuseio da Língua. Venâncio mostra que essa excelência tem antecedentes poderosos, principalmente um Padre Antônio Vieira (1608-1697)⁷, o grande clássico que revolucionou o Português e cuja visão de mundo – quanto ao quesito em questão, a “utopia” – está essencialmente aparentada à de Saramago, pois o trans-iberismo deste poderia começar pela legítima adoção dos vários “castelhanismos” (muito bem exemplificados pelo articulista) que até hoje recheiam a língua de Camões. Por isso o artista tinha, entre suas “influências” ou leituras confessadas, Miguel de Cervantes (1547-1616), Almeida Garrett (1799-1854)⁸, Miguel Torga (1907-1995), José Cardoso Pires (1925-1998) – todos conscientes, cada um a seu tempo e à sua maneira, de que o uso de arcaísmos, por exemplo, (ou da “sintaxe rural” de Torga), pode ser um poderoso instrumento de “rejuvenescimento” da Língua⁹.

Pois bem: se esses escritores se nutriram das fontes seiscentistas de Luís de Sousa, Rodrigues Lobo, Francisco Manuel de Melo e, sobretudo, de Vieira, não há que perder de vista, diz Venâncio, “que os grandes prosadores do século XVII aprenderam essa arte em textos espanhóis. (...) Todos eles tiveram uma formação liceal jesuítica, em que os mestres da oratória espanhola, e Granada antes de todos, eram de estudo obrigatório. Durante todo

⁷ Cita Venâncio, de uma entrevista concedida por Saramago: “Isto a que chamam o meu estilo assenta na grande admiração e respeito que tenho pela língua que foi falada em Portugal nos séculos XVI e XVII. Abrimos os *Sermões* do Padre Antônio Vieira e verificamos que há em tudo o que escreveu uma língua cheia de sabor e de ritmo, como se isso não fosse exterior à língua, mas lhe fosse intrínseco.” (p. 96).

⁸ Citado de outra entrevista de Saramago: “Sou incapaz de narrar uma coisa em linha recta. Não quer dizer que me perca no caminho: quando encontro um desvio, entro por ele e depois volto por onde ia. Se houver um antepassado directo meu na literatura portuguesa, esse é um poeta, dramaturgo e romancista do século XIX, que se chamou Almeida Garrett. O meu gosto pela digressão recebi-o desse autor.” (p. 97).

⁹ Disse Saramago: “Utilizo muitas vezes os arcaísmos para acentuar o *humor* ou a *ironia*. Não o faço como quem cultiva arcaísmos, mas como quem pretende – e peço desculpa se não corresponder – *rejuvenescer* a língua.” (p. 105).

o século de Quinhentos e o de Seiscentos, o espanhol foi, em Portugal, língua de cultura e de consumo diário.” (p. 112). Lembre-se, ainda, de perspectiva daquela “utopia linguística” que ajuda a compor os sonhos de Saramago, do acervo autóctone do galego-português, representado, dentre outras, pela extraordinária herança do lirismo trovadoresco. Se assim é, se o ficcionista voltou os olhos para trás em busca das lições desses inesquecíveis ancestrais, não se estranhe que ele tenha posto o mesmo cuidado nas numerosas traduções que fez, onde às vezes um pormenor no trato com linguagens interculturais faz toda a diferença e revela que determinadas escolhas vocabulares na passagem de uma língua a outra podem sugerir até posições políticas subliminares (cf. o artigo de Ana Paula Ferreira).

Em suma, quer goste ou desgoste de José Saramago – porque ele é um escritor controverso – o leitor só terá a ganhar com a leitura desta coletânea, muito bem concebida no seu todo, a começar pela coesão temática e a diversidade metodológica na abordagem dela, o que suscita nosso espírito crítico. Cabe aqui uma reflexão final, citada de Ernst Fischer (*A necessidade da arte*), com a qual as Doutoradas Lílian Lopondo e Ângela Ignatti concluíram um artigo dedicado ao *Ensaio sobre a cegueira* (1995): “O homem é mais do que o eterno ciclo do nascimento e da morte, mais do que o desejo da reprodução e o enfatiamento da velhice: o homem é um ser imperfeito e incompleto, jamais acabado, mas sempre se plasmando porque sempre plasmando o mundo que o cerca.”¹⁰. Assim pensava também Saramago.

¹⁰ LOPONDO, Lílian; SILVA, Ângela Ignatti. “O *topos* do retorno em *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago: tradição e ruptura”. In: CORRADIN, Flávia Maria e JACOTO, Lílian (orgs.). *Literatura Portuguesa ontem, hoje*. São Paulo: Editora Paulistana, 2008, p. 158.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey, Ablex, 1997.
- COUTINHO, M. A. *Texto(s) e Competência Textual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. *O texto e a construção de sentidos*. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- MARQUESI, S. C. *A Organização do texto descritivo*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- _____. *Sequências textuais descritivas em textos opinativos: reflexões para o ensino*. In: Mesa Redonda: Texto, Gramática e Ensino de Língua Portuguesa. Instituto de Pesquisas Linguísticas “Sedes Sapientiae” para Estudos de Português (IP-PUC/SP). 26 a 28 de abril de 2012, p.1-49.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- TRAVAGLIA, L. C. *Tipologia textual e ensino da língua*. A ser publicado como capítulo do livro *Linguística Textual e Análise da conversação (GTLAC)* da ANPOLL. Uberlândia; ILEEL / Universidade Federal de Uberlândia. Cópia de inédito, outubro de 2014, 42 p. *No prelo*.